

Artefatos zoomorfos sambaquieiros do estado de Santa Catarina: considerações acerca do tema

Jefferson Batista Garcia*
Dione da Rocha Bandeira**

GARCIA, J.B.; BANDEIRA, D. R. Artefatos zoomorfos sambaquieiros do estado de Santa Catarina: considerações acerca do tema. *R. Museu Arq. Etn.*, 30: 12-41, 2018.

Resumo: O trabalho teve por objetivo analisar contexto, distribuição e atributos dos artefatos zoomorfos sambaquieiros de Santa Catarina. Para tanto, foram selecionadas as duas maiores coleções temáticas da Região Sul do Brasil, pertencentes ao Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) e ao Museu do Homem do Sambaqui, em Florianópolis. Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram analisadas fontes primárias inéditas, como iconografias, manuscritos, pareceres técnicos (pertencentes ao Pe. João Alfredo Rohr) e os cadernos de Guilherme Tiburtius, onde ele faz a primeira descrição da coleção que carrega seu nome. Também conseguimos documentar zoomorfos inéditos em outros museus do estado catarinense e no Museo de América, em Madrid, Espanha, que recebeu esses artefatos em 1778, quando Florianópolis (na época Desterro) foi ocupada por tropas espanholas. A pesquisa fez uso da arqueo-historiografia sobre o tema zoólitos e utilização de equipamentos de precisão, como balança digital, paquímetro de aço e câmera semiprofissional, para o levantamento dos atributos dos zoomorfos estudados. Os resultados foram o levantamento dos sambaquis que apresentaram zoólitos; sambaquis com zoólitos como mobília fúnebre; e zoólitos fora de sambaquis; mapa da dispersão dos zoólitos no estado de Santa Catarina; tabelas de sítios/sepultamentos/quantidade de zoólitos/esqueletos/gêneros e fichas de atributos com dez campos específicos: 1) Características; 2) Número de registro da peça; 3) Local; 4) Procedência; 5) Dimensões; 6) Peso; 7) Classificação mineralógica; 8) Tipologia; 9) Estado de conservação; 10) Referências. Todos os dados nos levaram a considerar ainda o grande potencial de estudo arqueológico dos artefatos zoomorfos sambaquieiros; potencial de pesquisa, diante dos materiais inéditos encontrados, nas reservas técnicas dos museus do estado; possibilidades de estudos, fora do país, envolvendo os zoomorfos sambaquieiros.

Palavras-chave: Arqueologia; Zoólitos; Identidade; Patrimônio; Sambaquis.

*Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (Univille). <jeffersonarqueologia@gmail.com >

**Arqueóloga do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville e professora da Universidade da Região de Joinville (Univille). <dione.rbandeira@gmail.com>

Introdução

Os estudos das identidades na Arqueologia ocorrem desde a primeira metade do século XX no contexto internacional (Castro 2008: 170-171), todavia com perspectivas bastante diferenciadas (Bandeira 2004: 17). No Brasil, eles são mais pontuais ainda (Bandeira 2004; Castro 2008). Contudo os pesquisadores compartilham uma opinião em comum: a possibilidade de encontrarmos na cultura material particularidades que indicariam traços identitários, como os padrões decorativos de etnias africanas em cachimbos de escravos que vieram para o Brasil no século XIX, encontrados por Camilla Agostini (1998), a produção de objetos cerâmicos e líticos dos Guarani que viveram na missão jesuítica de São Lourenço Mártir, conforme Tocchetto (1991), ou os achados de Celito Kesting (2007), que propõe que a maior parte dos grafismos da área arqueológica de Sobradinho, Bahia, foi confeccionada por uma subtradição a partir da identificação da preferência de padrões cenográficos, temáticos e técnica (Castro 2008: 184-183). Dione Bandeira (2004), que ampliou o conhecimento das unidades arqueológicas dos sítios Itacoara (nº 42), Bupeva II (nº 29) e Poço Grande (nº 37)”, analisando sociedades ceramistas pré-coloniais que se instalaram na Baía da Babitonga, litoral norte de Santa Catarina, trabalhou não somente com a perspectiva identitária (identidade étnica), como também com a etno-histórica, para a compreensão dessas sociedades.

Mais recentemente, Viviane de Castro pesquisou estruturas funerárias da região Nordeste brasileira – Furna do Estrago (PE), Pedra de Alexandre (RN), Toca da Baixada dos Caboclos (PI), Toca do Serrote do Tenente Luiz (PI), Justino (SE) e São José II (AL) – e, a partir da análise de elementos biológicos e da cultura material, identificou marcadores de identidades coletivas relacionados à disposição dos sepultamentos e à idade dos indivíduos (Castro 2009).

Consideramos que as particularidades salientadas anteriormente podem ser observadas em outras culturas pré-coloniais, neste caso, nos

sambaquis da região central do litoral sul do Brasil, quando pensamos nas esculturas zoomorfas. Os zoólitos são objetos que podem ser considerados traços identitários dessas sociedades pescadoras, caçadoras e coletoras. A culturalista Kathryn Woodward (2014) destaca que a identidade tem expressão material e se manifesta nos objetos que os indivíduos de determinada cultura possuem, como também já salientou Castro (2008; 2009). Kathryn, numa perspectiva durkheimiana, ainda destaca que “as representações que se encontram nas religiões “primitivas” – tais como os fetiches, as máscaras, os objetos rituais e os totêmicos – eram considerados sagrados porque corporificavam as normas e os valores da sociedade” (Woodward 2014: 41).

Atualmente, considera-se que as conchas que constituem a matriz dos sambaquis teriam sido utilizadas, em sua maioria, como elemento construtivo que outorga volume às estruturas, utilizadas tanto como local de habitação quanto como de deposição dos mortos (Afonso & De Blasis 1994; Figuti & Klokler 1996; Gaspar 1991; 2004; Gaspar & De Blasis 1992; Klokler 2001; 2008). Segundo Prous (1992: 211), “As estruturas observadas nos sambaquis são de habitação, culinária e combustão ou funerárias”. Os zoólitos, como é o caso do encontrado no Sambaqui de Imaruí (Fig. 1) estão dentro do conceito de “objetos ritualísticos” e associados a estruturas funerárias. No entanto, também podem ser encontrados em sambaquis sem estruturas funerárias, que neste caso, poderiam estar indicando uma outra funcionalidade destes artefatos, talvez até mesmo fora do contexto sagrado. Independentemente da sua função, eles são o que Kathryn Woodward entende como representativo das identidades (2014).

Observamos que na arqueo-historiografia sobre os zoólitos (Bigarella & Tiburtius 1954; Gomes 2012; Milheira 2005; 2014; Prous 1972; 1974; 1977; 1992; Rohr 1977; Tiburtius & Bigarella 1960) as peças foram encontradas em pelo menos quatro contextos diferenciados: dentro de sambaquis; dentro de sambaquis e associados com sepultamentos; próximo a sambaquis e fora desses em sítios arqueológicos de culturas não sambaquieiras. Este último é considerado por

alguns autores (Milheira 2014) como possível evidência de contatos interculturais entre os sambaquieiros e outros grupos humanos (Milheira 2014; Fraga Junior 2014) do pampa e da serra (Milheira 2014: 188).



Fig. 1. Zoólito Plátifforme do Sambaqui de Imaruí, Pescaria Brava, 1973.

Fonte: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto: Jefferson Garcia, 2017.

Ao contrário da nossa expectativa inicial, até o presente momento, conseguimos identificar, com base na arqueo-historiografia do tema e em fontes primárias históricas, a procedência de apenas 90 zoólitos de sambaquis de Santa Catarina, e, destes, somente dez foram coletados junto a sepultamentos. Sendo Santa Catarina o “epicentro dos artefatos zoomorfos”, já que é no estado que se registra a maior quantidade de ocorrências desses objetos, foi possível verificar até a presente ocasião que na região existem 24 sambaquis que apresentaram zoólitos, dentro desses estão distribuídos os 90 zoomorfos. Em cinco desses sambaquis foi possível constatar a existências de seis sepultamentos com dez peças zoomorfas associadas, distribuídas entre eles, conforme a especificamos na Tabela 1. Ressaltamos que os números apresentados podem ser maiores ainda, pois não foi possível até o momento identificar a procedência de muitos zoólitos de Santa Catarina.

A mesma arqueo-historiografia que trata sobre o tema zoólitos e sambaquis demonstra o quanto esses sítios arqueológicos brasileiros foram destruídos desde o século XVI, fazendo com que muitas peças zoomorfas fossem retiradas dos seus contextos arqueológicos originais, indo parar nas mãos de particulares ou em destinatários fora do país. Isso dificulta os estudos arqueológicos dessas sociedades do passado. No entanto, embora poucos sambaquis apresentem zoólitos como mobília fúnebre, estes foram encontrados, na maioria dos casos, em sambaquis. Portanto, associados a sepultamento ou não, os zoólitos sambaquieiros indicam uma possibilidade: a materialização de parte do entendimento do universo “não humano” das sociedades sambaquieiras da região e seu hábito de representar a fauna em rocha com características próprias. Nesse sentido, cabe destacar a necessidade de se compreender o significado dos artefatos zoomorfos presentes em sambaquis, mas fora de mobília fúnebre.

Uma das possibilidades é avaliarmos a presença de estruturas de habitação em sambaquis em relação à presença de artefatos zoomorfos no mesmo local. Em termos de vestígios de habitação, André Prous chama a atenção para os solos compactados encontrados por Tiburtius e Bigarella no sambaqui Rio Pinheiros II (Balneário Barra do Sul, SC) e por E. Emperaire em Boa Vista (Cabo Frio, RJ), afirmando serem chão de choupanas sem a utilização de poste central. O autor destaca, ainda, que o sul de Santa Catarina também apresentou sambaquis com solos semelhantes (Prous 1992: 211).

No sul da Ilha de Florianópolis, SC, sabemos que outras sociedades, ceramistas do litoral, vizinhas dos sambaquieiros locais, como foi o caso das populações da Praia da Tapera, também estavam enterrando os membros de sua sociedade dentro das próprias choupanas, nos permitindo, inclusive, saber um pouco mais sobre a planta baixa e espaço privado ocupado por algumas “famílias”, conforme podemos ver na Fig. 2.

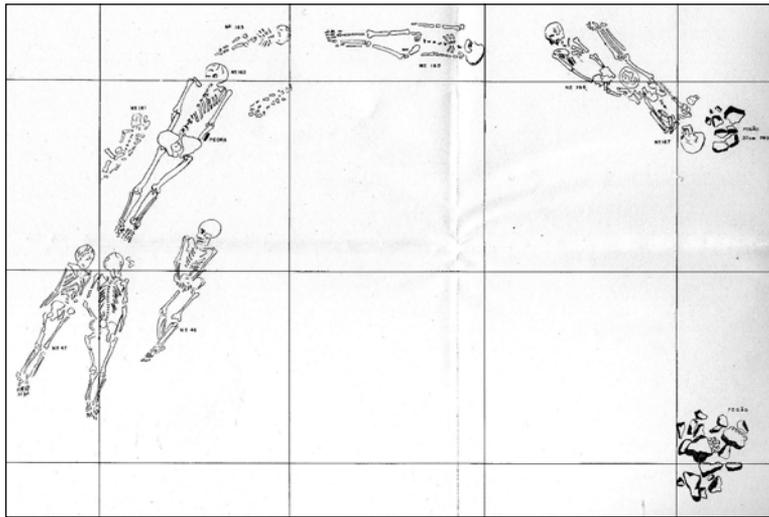


Fig. 2. Croqui dos sepultamentos formando o design da choupana.
Fonte: Silva et al. (1990: 213).

Segundo Silva et al.:

A primeira ocupação da Tapera [SC] e a população da Praia das Laranjeiras [Balneário Camboriú, SC], parecem ter em comum o enterramento dos mortos contra a parede interna das choupanas; na Tapera eles estão estendidos; na Praia das Laranjeiras, fletidos (Silva et al. 1990: 158).

Nesse sentido, é importante destacarmos que os zoólitos em Santa Catarina fazem

parte de um sistema de práticas culturais e sociais do passado que podemos chamar de traços identitários na ótica da identidade cultural (Castro 2008; Cuche 2002; Silva 2014), que considera algumas práticas do coletivo como a partilha de uma mesma essência (Silva, Silva 2006) entre diferentes indivíduos. Assim, os zoomorfos são identitários dos sambaqueiros, fazendo parte do contexto simbólico, social e psíquico (Woodward, 2014; Castro, 2008; 2009), como podemos ver na Fig. 3.

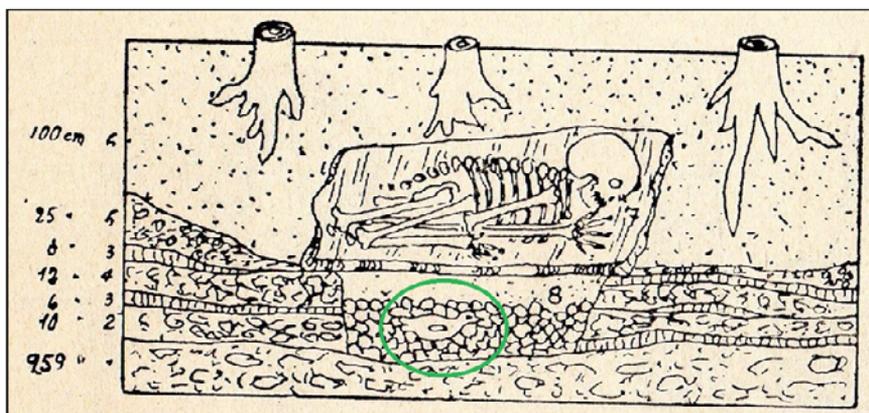


Fig. 3. Zoólito como mobiliário fúnebre de um sepultamento do sambaqui. Cubatãozinho, Joinville, SC.
Fonte: Tiburtius & Bigarella (1960: 23).

Zoólitos: identidade cultural dos sambaquieiros do litoral central do sul do Brasil

Maria Dulce Gaspar (1995) considera as amplas dimensões dos sambaquis catarinenses como algo que representa a identidade social dos pescadores, caçadores e coletores que se estabeleceram na região. A própria característica de construção de sambaquis seria uma manifestação identitária, em relação a outros grupos não construtores. Nesse sentido, possivelmente poderíamos considerar as manifestações da “Identidade e diferença”, quando uma sociedade desenvolve sistemas classificatórios e simbólicos para firmar sua identidade em relação à de outro grupo, ou seja, a diferença segundo os Estudos Culturais. Nessa perspectiva, Woodward (2014) observou que há uma negação dos aspectos sociais, raça, gênero, etnia e religião no processo de construção das identidades. Considerando que as sociedades humanas expressam suas identidades materialmente, as esculturas zoomorfas da região central do Brasil meridional poderiam ser compreendidas dentro desse aspecto identitário.

Segundo Gaspar (1995: 391-392), “Do Norte ao Sul de Santa Catarina os sambaquieiros teriam exacerbado essa característica” das

dimensões, como foi o caso do Sambaqui da Carniça I, 400 m × 70 m × 30 m; Sambaqui da Garopaba, 200 m × 100 m × 30 m; Sambaqui da Praia Grande III, 200 m × 200 m × 30 m; Figueirinha I, 100 m × 100 m × 15 m; e, um dos mais pesquisados do estado, o Jabuticabeira II², com uma área ocupada de aproximadamente 8,4 ha, 400 m do eixo maior e 250 m na diagonal e 10 m de altura (Bianchini et al. 2011: 52; Reis & Fossari 1984). Para a arqueóloga, isso seria uma prática estruturadora da identidade social desses grupos litorâneos da região (Gaspar 1995: 392). O Sambaqui de Sai-Guaçu (Fig. 4), entre vários outros exemplos de sambaquis, devido a suas dimensões, também ilustraria este aspecto que Gaspar destaca.

2 Segundo João Alfredo Rohr (*apud* Reis & Fossari 1984: 93), “O sambaqui, em 1972, pertencia a Edison Stradioto, cidadão de Criciúma, que instalou moinho de conchas sobre o sambaqui; mas teve sua fábrica interdita pela polícia. Em virtude disso, cometeu suicídio. Mais tarde, os Teixeira [família] de Jaguaruna adquiriram o sambaqui, e apesar de diversos processos instaurados contra os mesmos, continuam até hoje [1983] na destruição do sambaqui. Tiveram inclusive aprendida uma retroescavadeira, surpreendida na desmontagem do sambaqui. A máquina foi liberada pelo juiz federal e continua sendo utilizada na destruição do sambaqui”.



Fig. 4. Sambaqui de Sai-Guaçu, Garuva, SC. Dimensões: 100 m × 60 m × 17 m.
Fonte: Rohr (1984: 134).

A literatura sobre o tema já apresentou essa possibilidade de aspectos identitários, no entanto, de maneira relativamente geral, e sem conceituarem o que de fato seria o seu entendimento sobre “identidade” aplicada a grupos pré-coloniais litorâneos. Nesse sentido, entendemos a presença das esculturas zoomorfas na ótica dos culturalistas Kathryn Woodward, Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall (2014),) e da arqueóloga Viviane Cavalcanti de Castro. Portanto, se a fabricação de sambaquis é uma característica identitária das sociedades pré-coloniais litorâneas brasileiras, conforme defende Gaspar (1995), e os de maiores dimensões no Brasil são os do estado catarinense, consideramos que mais uma característica pode ser agregada à singularidade das sociedades sambaquieiras de Santa Catarina: as esculturas zoomorfas (esculpidas em rocha e ossos), embora haja ocorrências de peças, em menor número, em outros estados, como verificaremos a seguir.

André Prous apresenta o número de 170 zoólitos (166 estudos e mais quatro por bibliografia) em sua publicação de 1972 para os *Anais de Antropologia da UFSC*. Dois anos mais tarde, para a revista *Dédalo*, o mesmo autor publica um catálogo com o número de 241 peças (Prous 1974).

Rafael Milheira (2014: 188) ressalta o número aproximado de 300 esculturas

conhecidas, das quais apenas 215 foram publicadas. Destas, segundo o autor, 131 foram encontradas em Santa Catarina, 59 no Rio Grande do Sul, sete em São Paulo, 13 no Paraná e cinco – zoólitos – no Uruguai. No caso de Santa Catarina, o número de zoomorfos corresponde a 61% dos zoólitos conhecidos (Milheira 2014: 206-207). Contudo, a partir do nosso estudo, entendemos que esse número é aproximado, pois por meio da nossa pesquisa foi possível documentar mais seis zoólitos (dois pertencem à categoria de microzoólitos, pois medem cerca de 5 cm) inéditos em museus de Santa Catarina, como os das reservas técnicas do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” (MHS) (3), Florianópolis; do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner (1), em Corupá; do Laboratório de Arqueologia e Geologia da Univille (1 – fragmento); assim como fora do país, como foi o caso da peça encontrada no Museu de América (1), Madri, Espanha, que abordaremos mais adiante. Ou seja, o número de peças é maior ainda do que se havia sugerido pela literatura temática, havendo a grande possibilidade de encontrarmos mais peças em lugares que ainda estamos por visitar.

Dos 131 zoólitos de Santa Catarina, destacados por Milheira (2014), conseguimos contextualizar 89 esculturas, distribuídos em 24 sambaquis, como podemos verificar na Tabela 1.

Nº	Sítio	Município	Quantidade de zoólitos	Quantidade de sepultamentos associados	Quantidade de zoólitos associados a sepultamentos
1	Sambaqui do Linguado (26)	São Francisco do Sul, SC	2	-	-
2	Sambaqui do Linguado (27)	São Francisco do Sul, SC	2	-	-
3	Sambaqui da Gamboa	São Francisco do Sul, SC	1	-	-
4	Sambaqui da Barra do Sul	São Francisco do Sul, SC	4	-	-
5	Sambaqui do Porto do Rei	São Francisco do Sul, SC	1	-	-
6	Sambaqui de Areias Grandes	Araquari, SC	1	1	1
7	Sambaqui do Rio Perequê	Araquari, SC	1	-	-
8	Sambaqui do Rio Pinheiros	Araquari, SC	1	1	1

Nº	Sítio	Município	Quantidade de zoólitos	Quantidade de sepultamentos associados	Quantidade de zoólitos associados a sepultamentos
9	Sambaqui da Conquista	Joinville, SC	14	1	2
10	Sambaqui Morro do Ouro	Joinville, SC	3	1	3
11	Sambaqui do Cubatãozinho	Joinville, SC	11	1	1
12	Sambaqui da Costeira	Joinville, SC	1	-	-
13	Sambaqui do Rio Comprido	Joinville, SC	1 (fragmento)	-	-
14	Sambaqui do Rio Velho	Joinville, SC	8	-	-
15	Sambaqui da Armação de Itapocoroí	Itajaí, SC	1	-	-
16	Sambaqui da Garopaba	Jaguaruna, SC	1	-	-
17	Sambaqui de Congonhas I	Tubarão, SC	3	-	-
18	Ilha de Santana (concheiro)	Imbituba, SC	15	-	-
19	Itapiruba (concheiro)	Entre as praias de Laguna e Imbituba, SC	2	-	-
20	Sambaqui da Mina Velha	Garuva, SC	1 (antropólito).	-	-
21	Sambaqui do Perrixil	Laguna, SC	2	-	-
22	Sambaqui da Roseta	Laguna, SC	1	-	-
23	Sambaqui de Santa Marta	Laguna, SC	2	-	-
24	Sambaqui do Pântano do Sul (sítio misto)	Florianópolis, SC	10	1	2
Total de zoólitos			89	6	10

Tabela 1. Simplificada de sítios com zoólitos.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Considerações sobre as representações zoomorfas

África, Oriente, Ocidente, todos os continentes, no advento das suas formações sócio-políticas, tiveram culturas que desenvolveram o costume da representação da fauna pretérita, por meio da confecção de pinturas, gravuras e esculturas em forma de animais denominadas zoomorfos ou zoólitos – quando confeccionados em rocha – (há também sociedades que fizeram em outros suportes: ossos, madeiras, barro, metais preciosos). Estas esculturas foram elaboradas com os mais variados fins: culto, acompanhamentos funerários, ornamentação e outros.

Na maioria dos casos, podemos considerar esse fenômeno de representação da fauna

como “uma inclinação humana em dar uma importância simbólica aos bens materiais”, como já colocou Colin Renfrew (2008: 184), principalmente, considerando que parte dessas representações, objetos da nossa pesquisa, são mobiliários fúnebres, o que acentua os aspectos identitários e simbólicos.

No caso brasileiro, as representações faunísticas, muito conhecidas tanto na comunidade arqueológica como fora dela, são os zoólitos – esculturas em rocha em forma de animais –, associadas aos grupos sambaquieiros. No entanto, destacamos que no Brasil a prática da confecção de zoomorfos por outras culturas foi igualmente desenvolvida, como das representações na cerâmica dos grupos Waurá, do Xingu, conforme salientou Darcy Ribeiro

(1987; 38-39), e documentou o explorador e etnólogo Karl von den Steinen, em 1888 (Fig. 5).

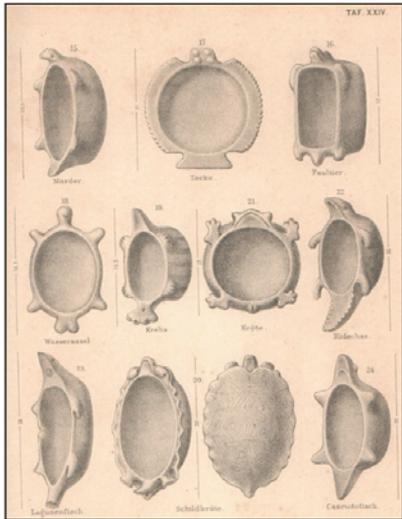


Fig. 5. Desenhos técnicos feitos pela comitiva de K. Steinen, sobre a cerâmica zoomorfa Waurá, no século XIX.

Fonte: Steinen (1894: 24).

A cerâmica zoomorfa dos Waurá é uma arte que, em termos de representação, é semelhante aos zoólitos dos grupos sambaquieiros, inclusive contendo cavidades ventrais, que, no entanto, são mais profundas, tendo claramente a função de recipiente, ou seja, são “panelas zoomorfas”, como lembra Darcy Ribeiro (1987: 38). Muitos outros exemplos de zoomorfos poderiam ser citados, como os Muiraquitãs, do Baixo Amazonas, a cerâmica zoomórfica Santarém, e, mais recentemente, os zoomorfos esculpidos em madeira produzidos pelos Guarani no Sul do Brasil.

No contexto europeu, em outros países da América do Sul e em outras regiões do globo, encontramos com frequência artefatos zoomorfos que também atestam a confecção desses objetos por outras sociedades do passado. Um dos exemplares mais antigos é a escultura em marfim do leão da caverna Vogelherd, considerado uma das representações mais antigas da arqueofauna europeia, com cerca de 40 mil anos, encontrado nas

escavações arqueológicas realizadas em 1931, pelo arqueólogo Gustav Riek, professor da Universidade de Tübingen (Oliver 2005: 184).



Fig. 6. Zoósteo paquíforme do Sambaqui da Barra do Sul, Araquari, SC. Dimensões: 6,9 cm × 4,2 cm × 2,5 cm.

Fonte: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). Foto: Jéssica Ferreira, 2017.

Além dos zoósteos, que são representações da fauna em osso (Fig. 6), também encontrados em sítios sambaquieiros, há representações de formas humanas, estilizadas, desenvolvidas concomitantemente à representação da fauna pretérita. Estas representações são chamadas de antropólitos, pois até o presente momento foram encontradas apenas representações em rocha, como é o caso do popularmente conhecido “Ídolo de Iguape”, encontrado no início em 1906 por Ricardo Krone, próximo ao Sambaqui do Morro Grande, em Iguape, SP (Fig. 7).



Fig. 7. Antropólito do Sambaqui Morro Grande, Iguape, SP. Dimensões: 10 × 4 × 8 cm.

Fonte: Museu de Arte Moderna de São Paulo (2015: 60).

As representações de formas humanas, fora do contexto das sociedades sambaquieiras, podem ser chamadas de antropomorfas, pois são confeccionadas em vários tipos de suporte. No contexto europeu, por exemplo, podemos destacar as “divindades da fertilidade”, do paleolítico europeu, como é o caso da escultura em relevo da Vênus de Lausse, França. Em Bornéu, na Ásia, os “guardiões domésticos” esculpidos em madeira; também os “ídolos femininos” de barro cozido de Chipre, no Mediterrâneo, entre outros exemplos que poderiam ser citados. Essa variada tipologia de matéria prima não foi observada nos artefatos com formas humanas das sociedades sambaquieiras do Brasil Meridional em que as representações ocorrem somente em rocha, fazendo com que a nomenclatura antropólito seja mais adequada do que antropomorfo que remeteria a mais de uma tipologia de suporte.

Primeiros registros e considerações acerca da historiografia sobre os zoomorfos sambaquieiros – séculos XVIII, XIX e XX

Depois dos estudos do arqueólogo argentino Antonio Serrano³, é com João Alfredo Rohr, em meados do século XX⁴, que veremos a primeira tentativa de retomada de estudo dos zoólitos desde o século anterior, em Santa Catarina. Num sintético catálogo, com o objetivo de contribuir para os estudos da etnologia indígena do estado, Rohr apresenta uma relação de 600 peças arqueológicas pertencentes à coleção⁵, adquirida

3 Dr. Antonio Serrano concentrou parte de suas pesquisas arqueológicas na compreensão dos povos pré-históricos brasileiros do litoral e do interior. A maior parte da sua produção acadêmica ocorreu entre as décadas de 1930 até 1970.

4 No início do século XX, também há, em São Paulo, as pesquisas do arqueólogo e evolucionista teuto-brasileiro, Ricardo Krone, que, entre seus vários trabalhos, ficou muito conhecido pelo seu achado de maior repercussão: o “Ídolo de Iguape”, um antropólito estilizado encontrado no sambaqui do Morro Grande, em 1906 (Morales 1998).

5 “Em 1948, na condição de reitor do Ginásio Catarinense, o Pe. João Alfredo Rohr adquiriu, por meio de compra, uma coleção expressiva de materiais arqueológicos (mais de oitenta mil fragmentos de cerâmicas, urnas

dois anos antes pelo então Museu do Colégio Catarinense⁶, e conjectura acerca das peças zoomorfas da coleção:

Entre os utensílios encontrados nos sambaquis, salienta-se as peças zoomorfas [...]: pequenos pilões [nome bastante comum dado aos zoólitos pelos primeiros pesquisadores do tema] feitos de pedra que imitam com perfeição figuras de animais: pássaros, peixes, tartarugas e mamíferos. Estas peças revelam o gosto artístico, tamanho e acabamento tão perfeito em pedra duríssima, que os cientistas chegam a duvidar que tenham sido confeccionadas pelo homem do sambaqui (Rohr 1950: 5).

Este trabalho do arqueólogo João Alfredo Rohr foi tão importante, em termos de apresentação de fontes primárias, que praticamente todos os especialistas que trabalhariam com o tema zoomorfos e antropólitos citaram esta pesquisa, intitulada Contribuições para uma etnologia indígena do estado de Santa Catarina (1950), que também contou com a contribuição científica de outros dois colegas jesuítas de Rohr: “Descrição dos objetos feita pelo Pe. Jorge A. Lutterbeck, S.J., e classificação mineralógica do material feita pelo Pe. Bertoldo Braun, S.J.” (Rohr 1950: 13).

A produção historiográfica sobre o tema zoólitos sambaquieiros (Cabral 1968; Faria 1959; Milheira 2005; Prous 1972; Tiburtius

funerárias, sepultamentos, materiais ósseos, projéteis líticos, ornamentos e outros), de um morador do Sul da Ilha de Santa Catarina, o comerciante Carlos Behrenhauser” (Garcia 2016: 162). Behrenhauser permutava artefatos arqueológicos pelos tecidos que comercializava em Santa Catarina.

6 “O Museu do Homem do Sambaqui recebeu este nome em 1964 pelo seu fundador e um dos nomes mais importantes da arqueologia brasileira: João Alfredo Rohr. No entanto, pelo menos quase seis décadas antes, o “embrião” dessa instituição já havia nascido, mais precisamente em 1909 – quando seu mantenedor não havia nem recebido o status de colégio, mas sim de Ginásio Catharinense, alguns anos depois, Colégio Catarinense –, sendo fundado pelos padres jesuítas Boock (reitor) e H. Lanz. Na ocasião, o local era chamado de Museu do Ginásio Catharinense e mantinha as características de um museu de ciências naturais” (Garcia 2016: 161).

& Bigarella 1960) é unânime ao considerar os primeiros estudos sobre zoólitos, na segunda metade do século XIX, mais precisamente os registros realizados nas saídas de campo de Charles Wiener, e os escritos sobre arqueologia brasileira de Ladislau Netto, como lembra Faria:

Num dos primeiros trabalhos sobre os sambaquis da costa meridional do Brasil, baseados em pesquisa de campo, o de Charles Wiener, já se encontram algumas referências acerca de figuras zoomorfas talhadas em pedra e na mesma publicação se acha reproduzida uma das peças mais interessantes da coleção do Museu Nacional, que possui hoje perto de meia centena de exemplares dessa escultura animalista (Faria 1959: 3).

Sobre a produção de Netto, Faria lembra que, “Na copiosa documentação apresentada em 1885, por Ladislau Netto, como base da sua tentativa de síntese dos conhecimentos de arqueologia brasileira reunidos até aquela data, já são representadas dozes dessas peças zoomorfas” (Faria 1959: 3).

No ano seguinte, em 1960, no Sul do Brasil, os pesquisadores Guilherme Tiburtius e Iris Bigarella publicavam um “trabalho descritivo”, como os próprios autores classificaram, intitulado *Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná*. Esta produção encontrava-se em consonância com o início das referências e estudos sobre os zoólitos no Brasil:

Entre eles estão Carlos Rath (1871), Carlos Wiener (1876), Alberto Lofgren (1893) e Ricardo Krone (1908). Em 1885 Ladislau Netto, do Museu Nacional [do Rio de Janeiro], apresenta uma primeira interpretação dos zoólitos, que seria mais tarde retomada e desenvolvida por Antonio Serrano (1940) (Tiburtius & Bigarella 1960: 6).

Com esta produção, Tiburtius & Bigarella listam os principais sambaquis dos estados de Santa Catarina e Paraná, que haviam apresentado zoólitos, em contexto arqueológico

ou não⁷, como foi o caso do “Sambaqui do Linguado, Sambaqui Rio Pinheiros, Sambaqui Morro do Ouro” (Tiburtius & Bigarella 1960: 7-15) e outros sítios igualmente importantes. Foi um trabalho bastante adequado para a arqueologia que se fazia na época, contudo esta mesma obra apresenta alguns problemas em termos de procedência de algumas peças da coleção Carlos Behrenhauser (Fig. 8), pertencente ao MHS; que trataremos a seguir.



Fig. 8. Parte dos zoólitos, da coleção Carlos Behrenhauser, catalogados por Pe. Jorge A. Lutterbeck, S.J., Pe. Bertoldo Braun, S.J. e Pe. J. A. Rohr, 1950.

Fonte: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto: Pe. João Alfredo Rohr, S.J., 1950.

Quase uma década depois, o historiador Oswaldo Cabral reforça a tese da gênese da historiografia sobre o tema, em sua publicação para os *Anais do Instituto de Antropologia da UFSC*, intitulado *Da raridade dos zoólitos platiformes e sua presença exclusiva nos sambaquis do litoral de Laguna* (1968)⁸, ao citar Wiener declara que:

7 Tiburtius e Bigarella listam mais sítios ainda, como, por exemplo, o Sambaqui de Areia Grande; Sambaqui da Conquista; Sambaqui de Cubatãozinho; Sambaqui da Barra do Sul, entre outros de Santa Catarina e Paraná (Tiburtius & Bigarella 1960: 7-27).

8 Dois anos depois, sua publicação foi traduzida para o francês e publicada na *Bulltin. Genève, Suisse, 1970, n° 34. Société Suisse des Américanistes*: « La première référence que l'on trouve sur ce type de zoolithe, sans toutefois qu'il fasse l'objet d'une classe à part, est due à Wiener, dans ses 'Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil'. L'auteur

A primeira referência encontrada a respeito deste tipo de zoólitos, sem, todavia, incluí-los numa chave à parte, pertence a Wiener, nos seus 'Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil'. Refere-se o autor a três almofarizes encontrados, sem, todavia, mencionar o sambaqui ou os sambaquis visitados, um dos quais "oferece caracteres do que se chama hoje a arte aplicada à indústria, caracteres muito frequentes nos objetos arqueológicos da América meridional. Estes almofarizes têm forma de Raias (Squatia?) e a cavidade acha-se sobre o ventre do animal habilmente imitado pelo artista índio'. A segunda referência vem em Ladislau Neto, que foi diretor do Museu Nacional, no seu trabalho 'Investigações sobre a Arqueologia Brasileira', quando se refere também a almofarizes" (Cabral 1968: 4).

André Prous, na ocasião bolsista do governo francês, agregado na Universidade de São Paulo (USP), destaca a importância da publicação de Cabral da seguinte forma: "Oswaldo R. Cabral, em 1968, publicou o primeiro verdadeiro ensaio tipológico, isolando nos zoólitos um tipo 'Platiforme'" (Prous 1972: 60), assim como o estilo "paquiforme" também é destacado pelo arqueólogo "denominação novamente adotada do Dr. Cabral, aplicando-a exclusivamente às peças de bom acabamento, mas de forma muito maciça, que representam quadrúpedes e animais aquáticos, com ou sem cavidade" (Prous 1972: 74).

Nesta mesma publicação, em 1972, o arqueólogo francês vai apresentar sua elaboração tipológica considerando, basicamente, critérios morfológicos diferenciados para a compreensão dos zoomorfos: platiformes; aparentadas-platiformes; nucleiformes; cruciformes; sobrelevadas; semizoomorfos; e paquiformes.

se réfère à trois mortiers, sans cependant mentionner le ou les sambaquis ou ils auraient été découverts, dont l'un 'présente les caractères de ce que l'on nome aujourd'hui l'art appliqué à l'industrie, caractères très fréquents dans les objets archéologiques de l'Amérique méridionale. Ces mortiers ont la forme de raies (Squatina?) et la cavité se trouve sur le ventre de l'animal habillement imité par l'artiste indien'. La seconde référence est due à Ladislau Neto, qui fut directeur du Musée National de Rio de Janeiro, dans son travail 'Investigações sobre a Arqueologia Brasileira' où il se réfère également aux mortiers » (Cabral 1970 : 13).

Trata-se de trabalho acadêmico de enorme qualidade sobre a temática, no qual ele chega a considerações sobre aspectos de variações regionais a partir do estilo das peças.

De igual relevância acadêmica, dois anos depois, Prous, apresenta esta análise, de maneira sintetizada, em seu *Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay* (1974) e, posteriormente, aprofundada na sua tese de doutorado, publicada em 1977: *Les sculptures zoomorphes du sud brésilien et de l'Uruguay*.

Devido a seus anos de dedicação e propostas analíticas sobre as formas zoomorfas, Prous é considerado o pesquisador de maior importância sobre o tema. Não há como realizar pesquisas sobre zoólitos sem conhecer a proposta de análise tipológica dos artefatos zoomorfos e a produção científica deste autor. Nenhuma outra produção acadêmica sobre o tema superou esta última pesquisa (1977), como já lembrou o arqueólogo Rafael Milheira (2005), outro importante especialista no tema.

Considerando a análise que estamos realizando sobre o tema zoomorfos, depois de André Prous, possivelmente o arqueólogo Rafael Milheira, professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), RS, é o especialista que melhor se dedicou aos estudos sobre as peças zoomorfas e antropólitos sambaquieiros. Exemplificativo da sua dedicação nas pesquisas sobre a temática foi seu trabalho monográfico, no qual se dedicou a estudar uma coleção lítica do Laboratório de Antropologia e Arqueologia, pertencente a UFPeL, intitulado *Esculturas líticas sambaquieiras: algumas possibilidades interpretativas: reflexões a partir de uma coleção lítica do LEPAARQ/UFPEL* (2005). Outras duas publicações sobre sambaquis e zoólitos (Milheira 2002; 2005) seguem igualmente com critérios de análises e objetivos bem definidos. Sua última publicação *Zoólitos: algumas reflexões sobre as esculturas sambaquieiras* (2014) – segundo o autor, versão atualizada e revisada do artigo apresentado nos Anais da SAB 2007 –, segue os mesmos critérios científicos de seus trabalhos anteriores. Neste seu último trabalho, Milheira apresenta gráficos e tabelas considerando o número de 215 zoólitos, que nos possibilitaram

conhecer o número, de maneira aproximada, das distribuições das peças desde o sul de São Paulo até o Uruguai.

Ainda quanto a esse trabalho de Milheira, sobre zoólitos, faremos duas observações que entendemos pertinentes: uma em relação à classificação da literatura que aborda o tema e a outra sobre a atualização dos dados sobre zoólitos.

Milheira propõe a divisão da literatura especializada sobre os zoólitos em duas categorias: “literatura descritiva” e “literatura analítica” (Milheira 2014: 190). No entanto, entendemos que uma terceira categoria poderia ser incluída nesse modelo: talvez uma “literatura geral”, de autores que fazem rápida alusão às peças zoomorfas, salientando sua importância, mas não se aprofundando no tema (Kern 1994; Schmitz 1991), muitas vezes por não ser o objeto central do estudo naquele momento. E, nesse sentido, poderiam ser incluídas obras como as de Bigarella, Tiburtius & Sobanski (1954), Mendes (1970); Jamundá (1970) e Valença (1984) entre outros.

A atualização dos dados a que nos referimos seria em relação ao número de peças zoomorfas procedentes da Praia do Pântano do Sul. Na elaboração da sua oportuna “Tabela de Localização das esculturas” (Milheira 2014: 206), o autor insere o número de sete zoólitos. Possivelmente, Milheira deve ter considerado os números apresentados por Prous (1974: 63), que destaca a mesma quantidade de peças para esse sítio arqueológico. Contudo, somente no acervo arqueológico do MHS, em Florianópolis, o número existente de peças que vieram do Pântano do Sul é seis, que já foram listadas por Rohr em sua obra de 1977: quatro recolhidas por moradores do próprio Pântano do Sul, entre as décadas de 1940 e 1960, e outras duas coletadas por Rohr, em 1975, associados a um sepultamento (Rohr 1977: 27). Juntamente com mais três peças que estão no Museu Nacional (Prous 1974), no Rio de Janeiro, e uma que pertence ao acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina (MarquE/UFSC), chegamos ao número de dez, testemunhos arqueológicos das sociedades sambaquieiras no Sambaqui Pântano do Sul.

Em 2012, Angela A. de Oliveira Gomes defendeu a dissertação *Perspectivas interpretativas no estudo das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral Sul do Brasil*, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), na qual estudou as principais coleções de zoólitos do Sul do Brasil basicamente na perspectiva do simbolismo, cosmologia e variabilidade dos artefatos zoomorfos. Produção criteriosa, principalmente do ponto de vista da antropologia simbólica. No entanto, um aspecto que merece ser melhor discutido em sua dissertação é a atribuição que a especialista faz a um artefato do Sambaqui do Siqueira, Imaruí, SC, pertencente ao MHS, classificando-o como um “zoólito medindo aproximadamente 15 cm × 14 cm; apresenta uma espécie de sulco ao redor da lateral e alguns detalhes relativamente pontiagudos em oposição” (Gomes 2012: 161), pois, na verdade, existem fortes dúvidas quanto a sua condição de escultura zoomorfa, podendo ser um peso de rede. De qualquer forma, a autora realizou uma pesquisa completa para a compreensão dos zoólitos, zoósteos e antropólitos por meio dos conceitos pós-processualistas de Ian Hodder e dos aspectos contextuais de C. Geertz.

No mesmo ano da publicação de Gomes, tivemos a dissertação de Fabiana Belem (2012), *Do seixo ao zoólito: a indústria lítica dos sambaquis do sul catarinense: aspectos formais, tecnológicos e funcionais*, defendida na USP, SP, que, embora os zoólitos não tenham sido seu objeto central de estudo, realiza uma relação, dentro de uma perspectiva analítico-tecnológica e funcional, da indústria lítica dos sambaquis do sul catarinense. Com isso, Belem compreende os zoólitos dentro desse processo morfológico dos líticos dos povos sambaquieiros. A autora não trabalhou com as coleções completas de zoólitos, desse modo, não encontramos em sua produção problemas em relação às referências das peças zoomorfas, como ocorreu com Tiburtius & Bigarella (1960). Até o presente momento, esta produção seria o último estudo *strictu sensu* relacionado à temática que conseguimos levantar.

Destacamos nesta parte do artigo as principais produções, dos principais pesquisadores, que consideramos relevantes para a compreensão dos estudos sobre a

arqueo-historiografia das peças zoomórficas sambaqueiras brasileiras, em especial as do estado de Santa Catarina. Posto isto, traremos algumas considerações sobre uma problemática encontrada na historiografia sobre as esculturas zoomorfas em questão.

Os primeiros registros das peças zoomorfas e a identificação de novas

Como já demonstramos nesta pesquisa, a historiografia especializada no tema zoólitos é unânime em considerar a segunda metade do século XIX o período em que ocorreram os primeiros registros de zoólitos nos sambaquis, devido às pesquisas realizadas, principalmente, pelos pesquisadores do Museu Nacional, como Wiener, Netto e Faria, entre outros. Esses registros sobre as esculturas zoomorfas estavam inseridos no contexto dos primeiros estudos sobre as sociedades sambaqueiras, que se iniciavam na época. Tais pesquisas tinham por objetivo, na segunda metade do século XIX, discutir a formação natural ou artificial dos sambaquis. A projeção dessas discussões científicas foi de tal importância para os acadêmicos da época – uma “grande efervescência” (Gaspar 2000a: 11) –, que até o próprio D. Pedro II acompanhou as escavações arqueológicas realizadas num sambaqui em São Vicente, presenciando a retirada de sepultamentos (Gaspar 2000a: 12). Para a autora, é possível considerar o período entre as décadas de 1870 e cerca de 1930 o início das pesquisas sobre os sambaquis (Gaspar 2000a: 11-12).

De fato, nessas datas as pesquisas iniciais sobre sambaquis estão se moldando e, na última década apresentada por Gaspar, podemos ainda encontrar resquícios do pensamento de alguns autores em querer vincular as peças zoomórficas a alguma cultura andina, ou seja, de culturas mais “evoluídas”, como lembram Prous (1992) e Milheira (2014).

No entanto, para nossa surpresa, foi possível constatar que os primeiros registros dos zoólitos brasileiros iniciaram cerca de 100 anos antes do que considera a literatura temática, com o encontro de um artefato zoomorfo por

um capitão espanhol que fez parte da invasão da cidade de “Desterro” (atual Florianópolis), em 1777, como verificaremos a seguir.

D. Geronimo Verde, Capitan de Primero Regimiento de Ynfantaria Ligera de Cataluña – o registro do primeiro zoólito no contexto da invasão espanhola na Ilha de Santa Catarina, em 1777

Ao realizarmos a análise historiográfica sobre as pesquisas do testemunho arqueológico mais característico dos sambaquis catarinenses, os zoólitos, foi possível constatar novas possibilidades sobre a temática fora do país.

Passamos a considerar essa possibilidade quando um amigo, Dr. José Hidalgo, arqueólogo espanhol, da Universidade de Santiago de Compostela, nos questionou sobre o conhecimento de um zoólito, despachado para a Espanha, em 1778, quando a Ilha de Santa Catarina (na ocasião Nossa Senhora do Desterro) ainda se encontrava sob ocupação espanhola. Inicialmente, um pouco cético diante de tal possibilidade, passamos a verificar melhor a questão. Enquanto realizávamos pesquisas em fontes históricas e historiográficas em Florianópolis, José Hidalgo se prontificou a analisar na Espanha esta possibilidade e acabou por descobrir que o zoólito em questão existia (Fig. 9), e que se encontrava no Museo de América, em Madri.



Fig. 9. Zoólito enviado para Espanha pelo Capitão Geronimo Verde.

Fonte: Museo de América. Foto: José Hidalgo, 2017.

Entendemos ser importante destacar, mesmo que rapidamente, o contexto em que o zoólito foi encontrado por um capitão das forças armadas espanholas que ocuparam a Ilha de Santa Catarina, em fevereiro de 1777, onde permaneceram cerca de um ano e cinco meses, até a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, em outubro do mesmo ano, e a assinatura do termo de entrega da Vila de Nossa Senhora do Desterro, em 1778.

Uma das características do século XVIII, em termos de relações internacionais ibéricas e seus reflexos no Novo Mundo, foram os conflitos militares que ocorreram entre as coroas espanhola e portuguesa. No contexto europeu, podemos citar a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), em que Portugal, Inglaterra e aliados declararam guerra à Espanha, França e seus aliados, por motivos econômicos e coloniais. Na América do Sul, as guerras provenientes dos limites da fronteira Sul do Brasil e o insucesso do Tratado de Tordesilhas (7 de junho de 1494) e do Tratado de Madri (13 de janeiro de 1750) levaram a Espanha a colocar em prática um plano do qual os portugueses já desconfiavam desde 1770: invadir o Brasil meridional. Segundo a historiadora Maria Flores:

As notícias que chegavam em Portugal não eram boas. As Cartas da Corte avisavam que o Brasil seria atacado pelos espanhóis. Da Espanha, os espias informavam à Corte que os castelhanos estavam armando uma poderosa esquadra no porto de Cádiz, mais considerável do que todas as que a Corte de Madri já preparara. Só era menor que a Invencível Armada que Felipe II enviara para conquistar a Inglaterra, em 1588 (Flores 2004: 9).

Por fim, em fevereiro de 1777, o receio da Coroa portuguesa se concretizou. Era a maior força naval que o Atlântico Sul tinha visto. Na análise de Carlos Corrêa:

a Espanha preparou uma grande esquadra para invadir o Brasil meridional. Era a maior das que já tinham cruzado o Oceano Atlântico: 6 navios de linha com capacidade para 60 e 70 canhões; 8 fragatas de 25, 28 e 20 canhões; 1 chambequim de 30 canhões, 2 paquebotes de 16

canhões, 1 bergantim de 10 canhões e 2 bombardas de 10 canhões, aos quais se juntaram, ao chegar na América, 3 outros navios de 70 canhões e 1 fragata de 26 canhões. Ao todo, 116 unidades de guerra e transporte, com 920 canhões, transportando 5.148 marinheiros, 1.308 soldados de marinha, além de 9.383 soldados (Corrêa 2008: 98-99).

Desse modo, diante de todo o aparato militar espanhol, com um total de 15.839 militares altamente treinados, de vários locais da Espanha, que ocupariam a Ilha, Portugal não ofereceu resistência. O irlandês Robert Mac Dowall, comandante da esquadra portuguesa em Santa Catarina, retirou-se com suas 14 embarcações de guerra, para encorar na enseada da Garoupas, onde ele considerava a possibilidade de fazer um contra-ataque caso os espanhóis o perseguissem, mas sabia que suas chances de vitória seriam mínimas se isso ocorresse (Flores 2004: 25). Com isso, a ocupação da Ilha inicia na Praia de Canasvieiras, no Norte (Fig. 10).

Como os portugueses se retiraram da Ilha, e os que permaneceram se renderam, o historiador Sandro Costa destaca que:

Dom Pedro Cevallos era quem comandava a expedição que partiu no final do ano de 1776. Dia 23 de fevereiro de 1777, Cevallos fazia o seu desembarque em Canasvieiras, na Ilha de Santa Catarina [...]. A baía norte encheu-se de navios espanhóis e a Ilha de Santa Catarina foi invadida e/ou conquistada pelos espanhóis sem que houvesse qualquer resistência (Costa 2011: 93). A decisão dos militares portugueses de não resistir não foi encarada com naturalidade pelo Estado. Isso ficou claro quando o ministro dos Negócios d'Ultramaria, Martinho de Mello e Castro, que substituiu o Marquês de Pombal, realizou fortes críticas ao ocorrido:

Render-se a dita Ilha depois de bem ou mal defendida, é acontecimento de que se têm visto muitos exemplos semelhantes, mas entregarem-se todos os seus fortes e fortalezas e enfim a mesma Ilha, sem se disparar um só tiro de artilharia nem de mosquetaria, é fenômeno que não se houve sem horror; nem se crê, se não depois do acontecido (Costa 2011: 93).

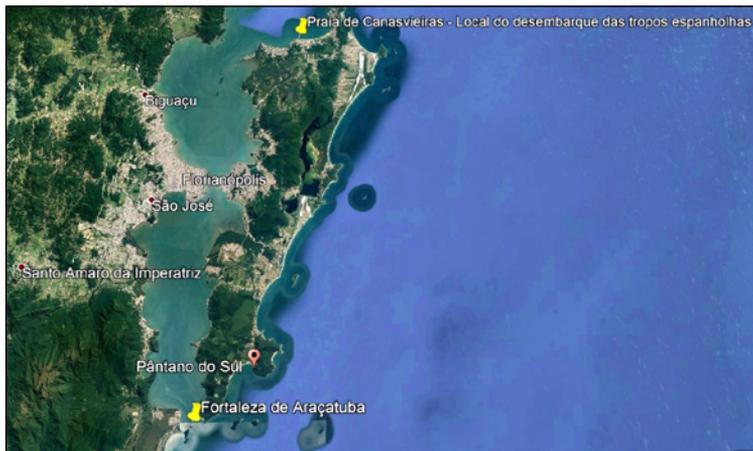


Fig. 10. Mapa com as indicações do desembarque das tropas espanholas e do Forte de Araçatuba.
Fonte: Google Earth, 2017.

Foi justamente em uma dessas fortalezas, a Nossa Senhora de Araçatuba (Fig. 1), na barra sul, que seria batizada pelos espanhóis como Ysla de Flores, que o Capitão de infantaria ligeira da Catalunha, D. Geronimo Verde, recebeu o artefato zoomorfo e, percebendo, graças a sua vocação às ciências naturais, que se tratava de uma escultura antiga, resolveu documentar a peça por escrito e a despachou para o Gabinete de Ystoria Natural, na Espanha, em 1778 (Verde 1778: 9).



Fig. 11. Forte de Araçatuba, onde o zoólito teria sido encontrado.

Fonte: Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense. Foto Pe. João Alfredo Rohr, s/d.

Verde denomina o zoólito de *Monumento antiguo* (Fig. 12) e o classifica como sendo a representação de um *murcielago* (morcego), visto que os "Yndios ofrecian cultos a muchas

aves nocturnas" (Verde 1777: 2). No entanto, muito provavelmente, diante da estilização, característica da maioria dos zoólitos, poderia ser a representação de um *Elanoides forficatus*, gavião tesoura. Contudo, esta possibilidade ainda será melhor verificada com análises específicas sobre a peça arqueológica.

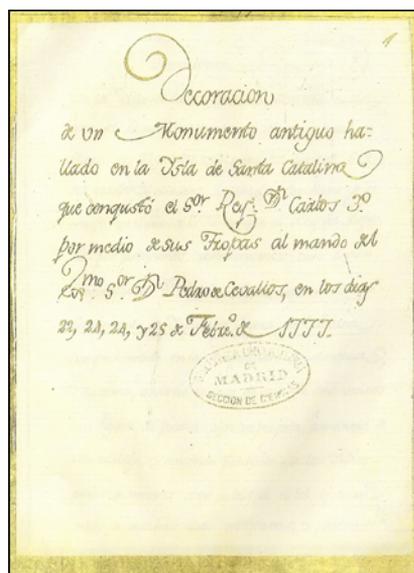


Fig. 12. Página da carta que descreve o zoólito que foi remetido para a Espanha, feita pelo Capitão Geronimo Verde, 1777.

Fonte: Biblioteca Universitaria de Madrid, Espanha.

Zoólitos inéditos encontrados em Santa Catarina: o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, Corupá, SC

À medida que avançamos com as pesquisas sobre as esculturas zoomorfas em Santa Catarina, a nossa perspectiva de que essas peças são uma materialização de traços identitários das sociedades sambaquieiras da região vem ganhando sustentação, pois o número de peças inéditas que estamos encontrando em museus da região reforçam essa possibilidade. O zoólito encontrado num dos museus mais antigos de Santa Catarina, “Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner”, em Corupá, seria mais um exemplo.

O zoomorfo em questão (Fig. 13) foi encontrado pela historiadora da instituição, Joice Leticia Jablonski, na reserva técnica do Museu. Embora a historiadora não tenha conseguido identificar o local de procedência da peça, ela é uma típica escultura zoomorfa sambaquieira. Provavelmente, essa seria mais um exemplo do contato intercultural que ocorreu entre as sociedades litorâneas fabricantes de sambaquis e as do interior do estado, pelo fato de estar cerca de 70 km do litoral catarinense. Ou poderia ser apenas um exemplar encontrado no litoral e doado para o museu. Independentemente da sua localização de origem, o artefato é uma escultura sambaquieira e precisa ser mais investigado para sabermos sua localização de origem.



Fig. 13. Zoólito inédito encontrado no Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, Corupá, SC.

Fonte: Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, Corupá, SC. Foto: Joice Leticia Jablonski, 2017.

O Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”

Assim como ficamos admirados por encontrar zoólitos sambaquieiros fora do Brasil e no interior de SC, igualmente nos surpreendeu o fato de haver peças inéditas, que nunca foram publicadas ou estudadas, na instituição onde trabalhamos: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”, em Florianópolis.

O MHS, que começou a ser organizado em 1907, sendo oficialmente fundado em 1909, guarda o acervo arqueológico fruto de décadas de pesquisas do arqueólogo João Alfredo Rohr, tendo ainda recebido doações de objetos pré-coloniais e históricos de pais de alunos que estudavam no

Colégio Catarinense, mantenedor do MHS. Além disso, a instituição realizou pequenas compras ao longo das primeiras décadas. Em 1924, o museu compra o antigo acervo do extinto Liceu de Artes e Ofícios, de Florianópolis. Cerca de duas décadas e meia depois, é adquirida a coleção Carlos Behrenhauser, com cerca de oito mil peças.

Com o material oriundo de cerca de 429 sítios arqueológicos registrados por Rohr, podemos classificar o acervo do MHS como de grandes proporções, o que possibilita as chances de novos achados não registrados e estudados ocorrerem durante a reorganização que estamos realizando no acervo. Dentre os zoólitos inéditos, encontra-se um possível cetáceo (Figura 14), da região de Laguna, sem data de coleta.

Ainda, no contexto de peças inéditas, encontramos um novo tipo de zoólito diferenciado da representação da arqueofauna que costumamos ver. Trata-se de “microzoólitos” (Fig. 15), peças que raramente passam de 5 cm de comprimento e 1 cm de largura.



Fig. 14. Zoólito inédito encontrado na Reserva Técnica do MHS. Possível representação de cetáceo, Laguna, SC, s/d.

Fonte: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto: Jefferson Garcia, 2017.



Fig. 15. Possível nova categoria de zoólito: microzoólito inédito encontrado na Reserva Técnica do MHS.

Fonte: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” / Colégio Catarinense. Foto: Jefferson Garcia, 2017.

As peças inéditas ainda se encontram em estudo. Estamos identificando informações de procedência, medições, pesagem, identificação mineralógica e espécie biológica representada. Todas as informações estão sendo devidamente documentadas nas fichas que elaboramos para o método de registro das peças, para a nossa pesquisa.

Resultados

A partir da nossa pesquisa conseguimos obter os resultados, até o presente momento, relativos ao levantamento de sítios arqueológicos sambaquieiros que apresentaram zoólitos em Santa Catarina. Foi possível identificar cerca de 24 sambaquis com artefatos zoomorfos. São eles: Sambaqui do Linguado (26); Sambaqui do Linguado (27); Sambaqui da Gamboa; Sambaqui da Barra do Sul; Sambaqui do Porto do Rei; Sambaqui de Areias Grandes; Sambaqui do Rio Perequê; Sambaqui do Rio Pinheiros; Sambaqui da Conquista; Sambaqui Morro do Ouro; Sambaqui do Cubatãozinho; Sambaqui da Costeira; Sambaqui do Rio Comprido; Sambaqui do Rio Velho; Sambaqui da Armação de Itapocoroí; Sambaqui da Garopaba; Sambaqui de Congonhas I; Ilha de Santana (concheiro); Itapiruba (concheiro); Sambaqui da Mina Velha; Sambaqui do Perrixil; Sambaqui da Roseta; Sambaqui de Santa Marta; e Sambaqui do Pântano do Sul.

Distribuídos entre os referidos sambaquis, encontramos 89 zoólitos. Para melhor ilustrar parte dos resultados, elaboramos a Tabela 2, que nos possibilita visualizar os dados levantados, como: (1) nome do sambaqui; (2) local; (3) quantidade de zoólitos; (4) características dos zoólitos; (5) quantidade de zoólitos associados; (6) quantidade de sepultamentos; (7) quantidade de sepultamentos com zoólitos associados; (8) contexto da ocorrência; (9) observações.

Entre os 24 sambaquis identificados com zoólitos na literatura temática, até o momento, em Santa Catarina, foi possível verificar que apenas cinco apresentaram zoólitos como mobiliário fúnebre. Nestes, foram identificados seis sepultamentos, com dez zoomorfos distribuídos entre eles (ver tabelas 1 e 2).

Para o levantamento dos atributos dos artefatos zoomorfos, foram desenvolvidas fichas que nos possibilitaram revisar as informações apresentadas em outras publicações, assim como

adicionar novas informações. Como o número de fichas foi superior a 50, não foi possível inseri-las neste artigo. Diante disso, optamos por apresentar uma ficha (Fig. 16) como exemplo, as demais serão publicadas em nossa dissertação em 2018.

Como resultado, foi possível verificar fontes históricas como documentos, manuscritos pertencentes ao Pe. João Alfredo Rohr, no arquivo do MHS, e iconografias, todas inéditas, nunca consultadas anteriormente.



<p>1 - Características: Tiburtius & Bigarella (1960: 48) classificaram como sendo um zoomorfo do norte da Ilha de Santa Catarina. Contudo, verificando as fichas originais realizadas pelo Pe. Jorge Lutterbeck, conferimos que a peça é procedente um “sambaqui de Imbituba”, SC, em conformidade com as informações realizadas por André Prous (1974: 43). Segundo Lutterbeck, trata-se de um “Pilhão zoomorfo polido, forma de tartaruga” (Arquivo Histórico do MHS/CC. Caixa 286, Ficha 649, 1948). Contudo, não foi possível verificar detalhes característicos da representação do animal sugerido por Lutterbeck. As partes que se destacam na peça remetem mais a uma ave, como bico e asas, do que uma fauna da ordem dos quelônios.</p>	<p>4 - Procedência: Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”/ Colégio Catarinense.</p>
<p>2 - Nº de registro: 649.</p>	<p>5 - Dimensões: 15,5 × 11 × 9,5 cm; cavidade: 4,2 cm.</p>
<p>3 - Local: “Sambaquis de Imbituba”, SC.</p>	<p>6 - Peso: 1.102 kg.</p>
<p>7 - Classificação mineralógica: Granito porfiroide.</p>	<p>8 - Tipologia: Diverso.</p>
<p>9 - Estado de conservação: Bom.</p>	<p>10 - Referências: Arquivo Histórico do MHS/CC. Caixa 286, Ficha 649, 1948. PROUS, A. 1974. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. <i>Dédalo</i> 20: 11-127.</p>

Fig. 16. Modelo de ficha que adotamos para levantamento de dados dos zoólitos.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Nº	Sambaqui	Local	Quantidade de zoólitos	Características dos zoólitos	Quantidade de zoólitos associados	Quantidade de sepultamentos	Quantidade de sepultamentos com zoólitos associados	Contexto da ocorrência	Observações
1	Sambaqui do Linguado (nº 26) (Bigarella, Tiburrius & Sobanski 1954: 128-129).	São Francisco do Sul, lado esquerdo da estrada, Araquari, SC.	2 (1 encontrado e perdido)	1 - Pássaros copulando; 2 - não identificado (peça perdida).	-	“Esqueletos” (Tiburrius & Bigarella 1960: 10). Não especificam a quantidade.	-	Foi coletado por um operário, no lado sul, durante o desmonte do sambaqui, segundo Tiburrius & Bigarella (1960: 10-11).	Segundo Tiburrius & Bigarella (1960: 10), vários sepultamentos, artefatos ósseos, líticos e fogueiras.
2	Sambaqui do Linguado (nº 27) (Bigarella, Tiburrius & Sobanski 1954: 129).	São Francisco do Sul, na extremidade NE da Ilha do Linguado, SC.	2	1 - Provável Ave; 2 - provável tatu estilizado.	-	“Foram encontrados esqueletos humanos” (Bigarella, Tiburrius & Sobanski 1954: 130). Não especificam a quantidade.	-	-	-
3	Sambaqui de Areias Grandes (nº 3) (Bigarella, Tiburrius & Sobanski 1954: 108).	Araquari, estrada Araquari-Barra do Sul, SC.	1	1 - Altamente estilizado. Classificação biológica não identificada.	1 zoólito, juntamente com um disco de bula timpânica e um machado lítico, foi encontrado junto a um sepultamento, na altura do joelho, segundo Tiburrius & Bigarella (1960: 12).	-	1	-	-

Nº	Sambaqui	Local	Quantidade de zoólitos	Características dos zoólitos	Quantidade de zoólitos associados	Quantidade de sepultamentos com zoólitos associados	Contexto da ocorrência	Observações
4	Sambaqui do Rio Perequê (nº 13) (Bigarella, Tiburtius & Sobanski 1954: 117).	Araquari, aproximadamente 500 m da estrada Pinheiros-Itapocu.	1	1 - Representação de ictiofauna.	-	-	-	Segundo Tiburtius & Bigarella (1960: 12) "encontrava-se no solo, a mais ou menos 50 cm de profundidade.
5	Sambaqui do Rio Pinheiros (nº 8) (Bigarella, Tiburtius & Sobanski 1954: 111).	Araquari, cerca de 100 m da estrada Araquari-Barra do Sul, e 600 m do rio Pinheiros.	1	1 - Representação de ave.	1	1. Segundo Tiburtius "um sepultamento com um zoólito à mostra" (Tiburtius 1996: 32). "Foram encontrados 50 esqueletos humanos" (Bigarella, Tiburtius & Sobanski 1954: 113).	-	-
6	Sambaqui da Gamboa (nº 33) (Bigarella, Tiburtius & Sobanski 1954: 133).	São Francisco do Sul, lado esquerdo da parte norte do Canal das Barra do Sul. Cerca de 300 m da baía.	1	1 - Possivelmente, um mamífero, em "posição de repouso, segundo Tiburtius & Bigarella (1960: 14).	-	-	Peça encontrada cerca de 800 m do referido sambaqui, embaixo de uma pedra natural, de 80 cm. de diâmetro e 50 cm. de profundidade (Tiburtius & Bigarella 1960: 14).	"Nas imediações da Gamboa foram localizados cinco sambaquis, quatro dos quais encontram-se completamente destruídos" (Bigarella, Tiburtius & Sobanski 1954: 131).

Nº	Sambaqui	Local	Quantidade de zoólitos	Características dos zoólitos	Quantidade de zoólitos associados	Quantidade de sepultamentos	Quantidade de sepultamentos com zoólitos associados	Contexto da ocorrência	Observações
7	Sambaqui da Barra do Sul (nº 12) (Bigarella, Tiburtius & Sobanski 1954: 116).	São Francisco do Sul, cerca de 300 m da praia da harmonia (Bigarella, Tiburtius & Sobanski 1954: 116).	4	1 - Representa ictiofauna; 2 - Ictiofauna; 3 - Ave (zoósteo, bula timpânica); 4 - Tigela com traços zoomorfos.	-	-	-	3 - Zoósteo de ave: "achava-se dentro de uma valva de ostra juntamente com pequenos ossos de pássaros que não foram conhecidos" (Tiburtius & Bigarella 1960: 14-15).	"Trata-se de um sambaqui alongado, atualmente destruído para pavimentar estradas" (Tiburtius & Bigarella 1960: 14-15).
8	Sambaqui da Conquista (nº 9) (Bigarella, Tiburtius & Sobanski 1954: 113).	Joinville, entre os rios Areias Pequenas e Pinheiros.	14	1 - Representação de ave; 2 - representação da ictiofauna; 3 - representação de cetáceo (zoósteo, bula timpânica) e fragmentos.	2	Cerca de 600 sepultamentos. No entanto, o número não é preciso. Nas últimas escavações do Sambaqui foram coletados 82 sepultamentos adultos e 5 infantis (Tiburtius 1966: 123).	1. Segundo Tiburtius & Bigarella (1960: 16), dois zoólitos "encontraram-se ao lado de um esqueleto, no lado norte, a 2,4 m abaixo da superfície superior do sambaqui".	"Digno de referência é um sepultamento descoberto na camada IV, e onde encontraram cinco esqueletos de adultos, dispostos radialmente e com crâneos no centro em forma de estrela" (Tiburtius 1966: 124).	

Nº	Sambaqui	Local	Quantidade de zoólitos	Características dos zoólitos	Quantidade de zoólitos associados	Quantidade de sepultamentos	Quantidade de sepultamentos com zoólitos associados	Contexto da ocorrência	Observações
9	Sambaqui do Morro do Ouro.	Joinville, junto ao rio Cachoëira.	3	1 - Possivelmente um mamífero em repouso; 2 - Ave; 3 - Animal altamente estilizado.	3	1		Na década de 1950 Tiburtius acompanhou o desmonte do Sambaqui e coletou material lítico, osteológico, malacológico, ornamentos e os três zoólitos acompanhando um esqueleto.	“Aparentemente tratava-se de um esqueleto de uma pessoa idosa. O maxilar inferior era estreito e apresentava apenas quatro dentes incisivos extremamente gastos. O maxilar superior não apresentava dentate algum” (Tiburtius & Bigarella 1960: 18).
10	Sambaqui do Cubatãozinho (nº 40, Bigarella, Tiburtius & Sobanski 1954: 136).	Joinville, próximo ao aeroporto da cidade.	11	1 - Ave.	1			Foram encontrados em decorrência do desmonte do sambaqui para a pavimentação do aeroporto de Joinville, em dois momentos: 1951 e 1958 (Tiburtius & Bigarella 1960: 20).	-
								1. Esqueleto sobre osso de baleia. Abaixo do osso um forro com 124 seixos rolados, em cujo centro havia um zoólito de pássaro (Tiburtius; Iris, 1960, p. 122).	
								Número não especificado. “Diversos esqueletos humanos” (Bigarella, Tiburtius & Sobanski 1954: 136).	

Nº	Sambaqui	Local	Quantidade de zoólitos	Características dos zoólitos	Quantidade de zoólitos associados	Quantidade de sepultamentos	Quantidade de sepultamentos com zoólitos associados	Contexto da ocorrência	Observações
11	Sambaqui do Porto do Rei.	São Francisco do Sul.	1	-	-	-	-	“Encontrouse poucas coisas, entre elas um zoólito e uma grande laje plana para afiar. Segundo Tiburtius ‘um sepultamento com um zoólito à mostra’” (Tiburtius 1996: 32)	-
12	Sambaqui da Costeira (Tiburtius & Bigarella 1960: 31).	Joinville.	1	1 – Ave (fragmento).	-	-	-	“Neste sambaqui, do ‘tipo limpo’ com poucos vestígios de ocupação humana e atualmente demolido, foi achado o fragmento de um zoólito representando a cabeça de um animal” (Tiburtius & Bigarella 1960: 31).	-
13	Sambaqui da Carapaba (Prous 1974: 59).	Jaguaruna, SC.	1	-	-	-	-	Peça encontrada por Fernando La Silva (Prous 1974: 59).	-

Nº	Sambaqui	Local	Quantidade de zoólitos	Características dos zoólitos	Quantidade de zoólitos associados	Quantidade de sepultamentos	Quantidade de sepultamentos com zoólitos associados	Contexto da ocorrência	Observações
14	Sambaqui da Armação de Itapocoroí (Prous 1974: 53).	Itajaí, litoral.	1	-	-	-	-	-	-
15	Sambaqui de Congonhas I (Prous 1974: 48)	Tubarão	3	-	-	-	-	-	-
16	Ilha de Santana (concheiro) (Prous 1974: 63).	Imbituba, ponta (Faria 1959: 4)	15	-	-	-	-	-	Quantidade não especificada foi encontrada por Faria (1959).
17	Itapiruba (concheiro) (Prous 1974: 53).	Litoral, entre Laguna e Imbituba.	2	-	-	-	-	Coletado em concheiro. Encontrase na coleção particular do Dr. Pabst (Prous 1974: 53)	-
18	Sambaqui da Mina Velha (Prous 1974: 45).	Garuva, litoral de Joinville.	1	Antropólito	-	-	-	-	-
19	Sambaqui do Ferrixil (Prous 1974: 64).	Laguna	2	-	-	-	-	-	-

Nº	Sambaqui	Local	Quantidade de zoólitos	Características dos zoólitos	Quantidade de zoólitos associados	Quantidade de sepultamentos	Quantidade de sepultamentos com zoólitos associados	Contexto da ocorrência	Observações
20	Sambaqui do Rio Comprido (Prous 1974: 60).	Litoral de Joinville	1	Fragmento	-	-	-	-	-
21	Sambaqui do Rio Velho (Prous 1974: 27)	Litoral de Joinville	8	-	-	-	-	-	-
22	Sambaqui da Roseta (Prous, 1974: 18).	Laguna	1	-	-	-	-	-	-
23	Sambaqui de Santa Marta (Prous 1974: 41).	Sul de Laguna	2	-	-	-	-	-	-

Nº	Sambaqui	Local	Quantidade de zoólitos	Características dos zoólitos	Quantidade de zoólitos associados	Quantidade de sepultamentos	Quantidade de sepultamentos com zoólitos associados	Contexto da ocorrência	Observações
24	Sambaqui do Pântano do Sul (também é conhecido por ser um sítio misto).	Florianópolis	10 (1 é antropólito)	-	2	4 (3 nas dunas e 1 abaixo do sambaqui tradicional)	1	Em 1975 João Alfredo Rohr encontrou um sepultamento feminino acompanhado de dois zoólitos. As demais peças foram retiradas por moradores locais da praia entre as décadas de 1940 e 1960.	Segundo Rohr (1977: 80) "Nas áreas escavadas foram registrados quatro sepultamentos e recolhido ossadas esparsas de outros sepultamentos, destruídos pelos sítiantes.
Resultados:									
Total de sambaquis com zoólitos em Santa Catarina: 24									
Total de zoólitos em sambaquis de Santa Catarina: 89									
Total de sambaquis com zoólitos associados a sepultamentos: 5									
Sepultamentos com zoólitos associados: 6									

Tabela 2. sambaquis de Santa Catarina com ocorrência de zoólitos.
Fonte: Elaborada pelo autor.

Considerações

Considerando o histórico de destruição dos sambaquis, não foi possível observar o que, tradicionalmente, a historiografia sobre os zoólitos considera em relação a sua “funcionalidade”, ou seja, como mobília fúnebre. Conforme demonstramos ao longo do texto, até o presente momento, foi possível constatar um número muito reduzido de zoólitos associados com esqueletos em sepultamentos: apenas dez zoólitos associados a seis sepultamentos, em cinco sambaquis, num universo de 89 zoólitos encontrados em 24 sambaquis, em Santa Catarina, que apresentaram esculturas, segundo a arqueo-historiografia sobre a temática.

O estudo dos zoomorfos sambaquieiros nos mostra o grande potencial de pesquisa que ainda existe sobre esses objetos. No nosso caso, procuramos focar nos objetos provenientes de Santa Catarina, para entendermos os zoólitos como patrimônio arqueológico do estado.

Por fim, a partir do presente trabalho, foi possível considerar que o local que conhecemos hoje como o estado de Santa Catarina foi um epicentro de confecção de zoólitos sambaquieiros no Brasil. Esta hipótese, além de se basear na historiografia temática, também ganhou maior sustentação a partir da verificação de peças inéditas, que ainda não haviam sido estudadas ou catalogadas por outros especialistas no estado catarinense.

GARCIA, J.B.; BANDEIRA, D. R. Artefacts zoomorfos sambaquieiros from the state of Santa Catarina: considerations about the theme. *R. Museu Arq. Etn.*, 30: 12-41, 2018.

Abstract: The objective of this work was to analyze the context, distribution and attributes of the sphincterophora artifacts from Santa Catarina State. For this purpose, the two largest thematic collections of the Southern Region of Brazil, belonging to the Sambaqui Archaeological Museum of Joinville (MASJ) and the Sambaqui Man Museum “were selected. João Alfredo Rohr, S.J.”, in Florianópolis. During the development of this research, unpublished primary sources such as iconographies, manuscripts, technical opinions (belonging to Fr. João Alfredo Rohr) and Guilherme Tiburtius notebooks were analyzed, where he makes the first description of the collection bearing his name. We have also been able to document zoomorphos unpublished in museums in the state of Santa Catarina, and in the Museo de América, in Madrid, Spain, which had been taken there in 1778, when Florianópolis (then Exterro) had been occupied by Spanish troops. The research made use of archeohistoriography on the theme zooliths and use of precision equipment, such as digital scale, steel pachymeter, semiprofessional camera, for the survey of the attributes of the studied zoomorfos. The results were the survey of the sambaquis that presented / displayed zooliths; sambaquis who presented zooliths as funeral furniture; and zooliths out of sambaquis; map of the zoolite dispersion in the state of Santa Catarina; tables of sites / burials / amount of zooliths / skeletons / genres and attribute sheets with 10 specific fields: 1) Characteristics; 2) Part registration number; 3) Local; 4) Origin; 5) Dimensions; 6) Weight; 7) Mineralogical classification; 8) Typology; 9) Conservation status; 10) References. All the data led us to consider still the great potential of archaeological study that exist in the sphinx zoomorphic artifacts; research potential, in view of the unpublished materials found, in the technical reserves of the state museums; possibilities of studies, outside the country, involving the zoomorfos sambaquieiros.

Keywords: Archeology; Zooliths; Identity; Patrimony; Sambaquis.

Referências bibliográficas

- Afonso, M.C.; De Blasis, P.A.D. 1994. Aspectos da formação de um grande sambaqui: alguns indicadores em Espinheiros II, Joinville. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 4: 21-30.
- Agostini, C. 1998. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. *Revista de História Regional* 3: 115-137.
- Bandeira, D.R. 2004. *Ceramistas pré-coloniais da Baía da Babitonga, SC: arqueologia e etnicidade*. 257 f. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Belem, F.R. 2012. *Do seixo ao zoólito: a indústria lítica dos sambaquis do sul catarinense: aspectos formais, tecnológicos e funcionais*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bianchini, G.F. et al. 2011. Processos de formação do sambaqui Jabuticabeira-II: interpretações através da análise estratigráfica de vestígios vegetais carbonizados. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 21: 51-69.
- Bigarella, J.J.; Tiburtius, G.; Sobanski, A. 1954. Contribuições ao estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina I: situação geográfica e descrição sumaria. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* 9: 99-140.
- Cabral, O. 1968. Da raridade dos zoólitos platiformes e sua presença exclusiva nos sambaquis do litoral de Laguna. *Anais do Instituto de Antropologia da UFSC*, 1: 3-14.
- Cabral, O. 1970. De la rareté des zoolithes platiformes et de leur présence exclusive dans les sambaquis du littoral de Laguna, Brésil. *Bulletin de la Société des Américanistes* 34: 13-18.
- Castro, V.M.C. 2008. O uso do conceito de identidade na arqueologia. *Clio Arqueológica* 23: 170-188.
- Castro, V.M.C. 2009. *Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Corrêa, C.H.P. 2008. *História de Florianópolis ilustrada*. Insular, Florianópolis.
- Costa, S.S. 2011. *Santa Catarina: história, geografia, meio ambiente, turismo e atualidades*. Postmix, Florianópolis.
- Cuche, D. 2002. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Edusc, Bauru.
- Faria, L.C. 1959. *A arte animalista dos paleoameríndios do litoral do Brasil*. Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- Figuti, L.; Klökler, D. M. 1996. Resultados preliminares dos vestígios zooarqueológicos do sambaqui Espinheiros II (Joinville, SC). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 6: 169-187.
- Flores, M.B.R. 2004. *Os espanhóis conquistam a Ilha de Santa Catarina 1777*. Editora da UFSC, Florianópolis.
- Garcia, J.B. 2016. Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” e seus novos desafios. *Revista Eletrônica Ventilando Acervos* 4: 160-171.
- Gaspar, M.D. 1991. *Aspectos da organização social de um grupo pescador-coletor-caçador: região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, estado do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gaspar, M.D. 1995. Datações, construção de sambaqui e identidade social dos pescadores, coletores e caçadores. In: Kern, A.A. (Org.). *Anais VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. EdIPUCRS, Porto Alegre, 377-398.
- Gaspar, M.D. 2000a. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

Artefatos zoomorfos sambaquieiros do estado de Santa Catarina: considerações acerca do tema
R. *Museu Arq. Etn.*, 30: 12-41, 2018.

- Gaspar, M.D. 2000b. Zoólitos, peixes e moluscos, cultura material e identidade social. *Encontros e estudos* 3: 13-21.
- Gaspar, M.D. 2004. Cultura: comunicação, arte, oralidade na pré-história do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 14: 153-168.
- Gaspar, M.D.; De Blasis, P. 1992. Construção de sambaqui. In: *Anais da 6 Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1992*, Rio de Janeiro.
- Gomes, A.A. de O. 2012. *Perspectivas interpretativas no estudo das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral sul do Brasil: uma abordagem preliminar*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Hall, S. Quem precisa da identidade? In: Silva, T.T. (Org.). 2014. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Vozes, Petrópolis, 103-133.
- Jamundá, T.C. 1984. Bibliografia. In: Santa Catarina. *Aspectos da vida e da obra de João Alfredo Rohr, S.J.* Conselho Estadual de Cultura, Florianópolis, 34-39.
- Jamundá, T.C. 1970. *História de Santa Catarina*. Grafipar, Curitiba.
- Kern, A.A. 1994. *Antecedentes indígenas*. Editora UFRGS, Porto Alegre.
- Kesting, C. 2007. *Identidade dos grupos pré-históricos de sobradinho – BA*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Klokler, D. 2001. *Construindo ou deixando um sambaqui?: análise de Sedimentos de um sambaqui do litoral meridional brasileiro: processos formativos: região de Laguna–SC*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Klokler, D. 2008. *Food for body and soul: mortuary ritual in shell mounds (Laguna-Brazil)*. Tese de doutorado. The University of Arizona, Tucson.
- Mendes, J.C. 1970. *Conheça a pré-história brasileira*. Edusp, São Paulo.
- Milheira, R.G. 2002. Arqueoistoriografia e identidade no Contexto das Pesquisas Arqueológicas em Sambaquis. *Ângulo* 2: 89-105.
- Milheira, R.G. 2005. *Esculturas líticas sambaquieiras: algumas possibilidades interpretativas: reflexão a partir de uma coleção lítica do Lepaaraq/UFPeL*. Monografia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- Milheira, R.G. 2014. Zoólitos: algumas reflexões sobre as esculturas sambaquieiras. In: Zocche, J.J. et al.(Orgs.). *Arqueofauna e paisagem*. Habis, Erechim, 187-207.
- Morales, W.F. 1998. Ricardo Krone e as pesquisas arqueológicas no Vale do Ribeira de Iguape, SP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 8:281-286.
- Museu de Arte Moderna de São Paulo. 2015. *34º Panorama da Arte Brasileira: da pedra da terra daqui*. Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo. Catálogo de exposição.
- Prous, A. 1972. Os objetos zoomorfos do litoral do sul do Brasil e do Uruguai. *Anais do Museu de Antropologia* 5: 57-102.
- Prous, A. 1974. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. *Dédalo* 20:11-127.
- Prous, A. 1977. *Les sculptures zoomorphes du Sud brésilien et de l'Uruguay*. Centre National de la Recherche Scientifique, Paris.
- Prous, A. 1992. *Arqueologia Brasileira*. Editora UnB, Brasília.
- Raga Junior, J. 2014. *Um cemitério monumental: marcadores de memória e identidade no sítio arqueológico Jabuticabeira-II (Jaguaruna, SC–Brasil)*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Reis, M.J.; Fossari, T.D. 1984. O sítio arqueológico da Praia da Laranjeiras – Balneário Camboriú; Sítios Arqueológicos de Santa Catarina; Relação dos

- Trabalhos Publicados por Pe. João Alfredo Rohr, S.J. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC* 16: 3-174.
- Renfrew, C. 2008. Varna e o surgimento da riqueza na Europa Pré-Histórica. In: Appadurai, A. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Eduff, Niterói, 181-215.
- Ribeiro, D. 1987. Arte Índia. In: RIBEIRO, B. (Org.). *Suma etnológica brasileira*. Vozes, Petrópolis, 29-65.
- Rohr, J.A. 1950. Contribuições para uma etnologia indígena do estado de Santa Catarina. In: *Anais do 1º Congresso de História Catarinense, 1950*, Florianópolis.
- Rohr, J.A. 1977. *O sítio arqueológico do Pântano do Sul SC-F-10*. Governo do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.
- Schmitz, P.I. 1991. *Pré-história do Rio Grande do Sul*. Unisinos, São Leopoldo.
- Silva, K.V.; Silva, M.H. 2006. *Dicionário de conceitos históricos*. Contexto, São Paulo.
- Silva, S.B. et al. 1990. Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um Assentamento Itararé e Tupiguarani. *Pesquisas: Antropologia* 45.
- Silva, T.T. 2014. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Vozes, Petrópolis, 103-132.
- Steinen, K. von. 1894. *Unter den Naturvölkern Zentralbrasiiliens*. Hoefer & Vohsen, Berlin.
- Tiburtius, G. 1966. O sambaqui da Conquista (NR-9). *Boletim Paranaense de Geografia* 18: 71-126.
- Tiburtius, G. 1996. *Arquivos de Guilherme Tiburtius I*. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, Joinville.
- Tiburtius, G.; Bigarella, I.K. 1960. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. *Pesquisas: Antropologia* 7.
- Tocchetto, F. 1991. *A cultura material do Guarani missioneiro como símbolo de identidade étnica*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Valença, J.R. 1984. *Herança: a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu*. Empresas Dow, São Paulo.
- Verde, G. 1778. *Decoracion de monumento antiguo*. Biblioteca Universitaria de Madrid, Madrid.
- Woodward, K. 2014. In: SILVA, T.T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Vozes, Petrópolis, pp. 7-72.